

COMO APOIAR PESQUISAS ARRISCADAS?

Adriana Bin

É crescente o entendimento acerca da contribuição de pesquisas de risco como forma responder questões científicas fundamentais e fazer evoluir a fronteira do conhecimento. No entanto, é possível identificar quatro questões críticas relacionadas ao estímulo desse tipo de pesquisa.

O primeiro é de ordem conceitual, já que o próprio conceito de risco tem várias interpretações e não há um consenso sobre o que é, de fato, uma pesquisa de risco. A ideia é discutir algumas destas interpretações, fazendo relação com dois conceitos importantes, que são o de probabilidade e de impacto: probabilidade (objetiva ou subjetiva) de ocorrência de um evento cuja natureza altera o rumo do conjunto dos eventos no qual ele está inserido; e impacto que a ocorrência desse evento trará, caso venha a ocorrer, ao conjunto dos eventos relacionados.

O segundo e o terceiro são de ordem prática. Um deles relaciona-se com a histórica carência de instrumentos de fomento orientados à pesquisa de risco em âmbito global. O outro, decorre dos reconhecidos vieses que a avaliação pelos pares, tradicionalmente empregada na avaliação, priorização e seleção de projetos de pesquisa que serão financiados, possuem, em especial em relação a pesquisas mais inovadoras. Isso significa que é bem mais comum a aceitação de propostas de pesquisa cujos objetivos são incrementais e pertencem ao campo da “ciência normal” definido pelos “paradigmas científicos”, usando aqui as expressões de T. Khun em seu clássico “A estrutura das revoluções científicas”. Mesmo não sendo explícita, essa preferência por propostas de pesquisa em temas conhecidos e menos arriscados é tacitamente reconhecida pela comunidade de pesquisa. A preferência pelas “coisas mais conhecidas” não se limita aos temas, teorias, conceitos, mas também aos métodos vigentes, incluindo as formas de obtenção e análise de dados. O resultado é a preferência por propostas menos arriscadas e menos ousadas e quase sempre mais circunscritas em uma determinada disciplina.

Por fim, a quarta questão crítica, de ordem instrumental, traz a dificuldade de operacionalizar indicadores que sejam capazes de medir risco na pesquisa. Existem algumas possibilidades nesta linha, geralmente relacionadas com indicadores bibliométricos, que tentam distinguir o risco a partir de *proxies* de interdisciplinaridade, novas combinações de palavras-chave e citações, ou mesmo com análise de redes, que tentam verificar o posicionamento e conexões entre pesquisadores de uma determinada área. Há também abordagens mais qualitativas, que buscam compreender, em profundidade, as contribuições de determinadas pesquisas para a área de conhecimento nas quais estão inseridas e mesmo os reconhecimentos associados dos pesquisadores envolvidos.

Além de discutir os quatro elementos críticos apresentados anteriormente, serão brevemente apresentados os resultados da avaliação da primeira Chamada Pública do Instituto Serrapilheira (IS) no âmbito do Programa de Apoio à Ciência.

No contexto brasileiro, o IS é um exemplo de instituição de fomento com orientação para a pesquisa de risco. Oficialmente lançado em março de 2017, o Instituto Serrapilheira (IS) começou a ser gestado em 2014. O Instituto é uma instituição privada sem fins lucrativos. Tem como objetivos: i) fomentar a pesquisa de excelência no Brasil por meio de: apoio financeiros a projetos de pesquisa fundamental, formação de jovens cientistas, e incentivo à colaboração científica interdisciplinar e internacional; e ii) construir uma cultura de ciência no país por meio de fomento a novas práticas discursivas sobre ciência e consolidação de sua distribuição para públicos diversos, criação de espaços de diálogo e colaboração entre divulgadores e cientistas.

O Serrapilheira tem atuado por meio de três programas: Programa de Formação em Biologia e Ecologia Quantitativas, o Programa de Divulgação Científica e o Programa de Apoio à Ciência. Este último tem como objetivo identificar e apoiar, em longo prazo, pesquisas de excelência de jovens cientistas no Brasil e contribuir para a construção de um ambiente favorável à pesquisa científica.

A primeira Chamada Pública foi realizada em 2017 e avaliada entre 2018 e 2021, com foco na alteração da trajetória profissional dos pesquisadores contemplados, na alteração da produção científica e tecnológica dos pesquisadores contemplados e finalmente na criação de novas trajetórias de conhecimento científico e tecnológico. Entende-se que este último aspecto representa, em certa medida, o nível de risco das pesquisas do IS.

Para a realização da avaliação empregaram-se abordagens quase-experimental e não-experimental. Em relação à abordagem quase-experimental, foram comparados os 65 grantees contemplados na Chamada Pública com os 1.882 indivíduos que foram denegados nesta chamada. A avaliação baseou-se em coleta de dados primários, por meio de questionários e entrevistas, além de dados secundários, obtidos da Plataforma Lattes, Scopus, Plataforma Scival, Journal Citation Report e Overton. Em termos de tratamento dos dados, foram empregadas diferentes estratégias descritas em cada uma das seções apresentadas neste relatório.

Há algumas evidências de que o modelo Serrapilheira contribuiu para a criação de novas trajetórias de conhecimento. Duas constatações contribuem para essa discussão.

A primeira é que os *grantees* têm publicado em áreas de maior visibilidade do que os denegados (6,4% a mais para o grupo de *grantees* e 7,6% a mais quando se considera apenas o grupo de *grantees* sem financiamento adicional), na análise quase-experimental. Embora ainda não haja efeitos estatisticamente significativos das diferenças para o grupo de *grantees* com financiamento adicional, as curvas que indicam o comportamento ao longo do tempo mostram que há uma tendência crescente dos pesquisadores que receberam financiamento adicional a publicarem nestas áreas de maior *momentum*. Este aspecto se reforça quando analisamos especificamente a produção fomentada pelo IS – há grande concentração de publicações em tópicos de alta proeminência.

A segunda constatação é que há efeito positivo (de 43%) para o grupo de *grantees* com financiamento adicional para o indicador de número de áreas do conhecimento associadas aos veículos onde os artigos foram publicados, ou seja, estes pesquisadores estão mais dedicados a pesquisas multidisciplinares do que os denegados.